



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL**

**“CON PALADAR BRASILIENSE”
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNB -
DOCUMENTÁRIO**

LEONARDO JOSÉ ORTIZ MONCAYO

Brasília, DF

2023

LEONARDO JOSÉ ORTIZ MONCAYO

“CON PALADAR BRASILIENSE”

Uma experiência de estudantes estrangeiros na UnB -Documentário

Memória de Produto apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para conclusão do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, sob orientação da professora Dione Oliveira Moura.

Brasília, Distrito Federal

2023

LEONARDO JOSÉ ORTIZ MONCAYO

**“CON PALADAR BRASILIENSE”
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNB -
DOCUMENTÁRIO**

BANCA EXAMINADORA

Professora Dione Oliveira Moura
Orientadora

Professora Gisele Pimenta de Oliveira
Membro

Doutoranda Lorena Figueiredo
Membro

Professora Milena Marra
Suplente

AGRADECIMENTOS

O processo da realização deste projeto de TCC foi uma experiência gratificante que foi moldada por diversas pessoas ao longo do trajeto. Agradeço a todos aqueles que ofereceram um pouco do seu tempo para oferecer suas opiniões e dicas que acabaram sendo refletidas no trabalho presente.

Começo agradecendo à minha orientadora, Dione Moura, pela sua ampla experiência e paciência para me instruir na elaboração do projeto. Em vários pontos do projeto quebrou minha bolha

Gostaria de começar agradecendo a todos os estudantes estrangeiros da UnB que acabei conhecendo para realizar a pesquisa do documentário. Inicialmente foi um contato simples, mas que acabou criando laços com estudantes que já viajaram fora da cidade no momento da publicação deste memorial. Em especial, gostaria de agradecer aos protagonistas do documentário por oferecerem seu espaço, tempo e experiências comigo: Diego, Felipe, Fernando e Gustavo.

Agradeço a Marcelo Díaz e a Lorena Figueiredo por sua ajuda no processo criativo e produtivo do documentário, e pela inspiração em criar e aventurar-me em um espaço do Audiovisual que não tinha muita experiência. Seus conhecimentos, dicas, estratégias, abordagens, todas foram muito valiosas. Tomei em consideração todos seus comentários e gostaria de desenvolver-me a mais no futuro sob sua orientação. Considero uma honra e prazer trabalhar com vocês e gostaria de encontra-los no meu futuro profissional.

Gostaria de agradecer a todos meus amigos e colegas que colaboraram no projeto, desde o planejamento de escolhas criativas e abordagens até as últimas etapas da edição do produto. Todos foram valiosos e creio que cada uma das suas perspectivas me ajudou a sair da minha bolha de pensamentos para entender suas perspectivas, e em referência ao projeto, ao seu olhar brasileiro/brasiliense. Não posso pular a minha equipe, e por isso gostaria de agradecer a Alícia, Pedro, Víctor, André, Júlia, e Lucas pela sua participação.

Finalmente, gostaria de agradecer às duas mulheres que me acompanharam ao longo do processo todo, desde (quase) o início dos meus estudos na faculdade até este ponto, na conclusão: Lili, minha mãe e Amanda, minha namorada. Agradeço pela sua ajuda, companhia, dicas e motivação para concluir. Sem dúvida, sem vocês não poderia ter sido possível. Obrigado.

RESUMO

O projeto aqui desenvolvido é um registro audiovisual em documentário que relata a história e experiências de quatro estudantes estrangeiros da Universidade de Brasília. O documentário é baseado nas dimensões culturais segundo Trompenaars e Hampden-Turner (1997) e tem como ferramenta de coesão a cozinha típica dos estudantes. Tem como objetivo informar o contraste das dimensões culturais entre aqueles estudantes, a través de um olhar intimista brasileiro. Procura-se estabelecer uma sensibilização às dimensões culturais alheias ao Brasil, com o objetivo de compreender com mais facilidade os pensamentos e ações estrangeiras no ambiente universitário brasileiro.

O documentário está acessível no seguinte link: https://drive.google.com/drive/folders/17Tw8CbBByCamI_etGx9CW19GuMfxFL8g?usp=drive_link.

Palavras-chave: documentário; dimensões culturais, interculturalidade; estudante; universitário.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Estudantes Internacionais Na Unb	8
2	JUSTIFICATIVA	9
3	PROBLEMA	10
4	OBJETIVOS	10
4.1	Objetivo Geral	11
4.2	Objetivos Específicos	11
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
5.1	Documentário	11
5.2	Dimensões Culturais	14
6	METODOLOGIA	15
6.1	Tema E Delimitação	15
6.2	Pré-Produção	18
6.3	Produção	19
6.4	Pós-Produção	19
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
8	REFERÊNCIAS	22
9	ANEXOS	23

1 INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília é uma universidade rica em pesquisa e cultura, e uma referência nacional e internacional. Muitos estudantes viajam de outros estados para realizarem seus estudos nesta universidade, porém, existe uma comunidade que é pouco conhecida, ou até desapercibida: os estudantes estrangeiros. Segundo o Relatório de Gestão da UnB DE 2022, existe aproximadamente uma proporção de um estudante estrangeiro por cada 170 estudantes brasileiros na graduação. Isto significa que cada estudante brasileiro tem uma oportunidade baixa de compartilhar aulas e experiências com estes estudantes.

Segundo Trompenaars e Hampden-Turner (1997), existem diversos tipos de dimensões culturais que cada ser humano possui. Estas dimensões variam de pessoa em pessoa, e indubitavelmente se caracterizam significativamente pelo contexto de cada pessoa. A nacionalidade de cada pessoa estabelece uma margem de dimensões culturais por natureza. Para os membros de uma mesma sociedade, estas dimensões não precisam ser esclarecidas e apenas um contraste nelas causa estranhamento. É por isto, que dentro do âmbito universitário, a mera presença de um estudante estrangeiro é causa de estranhamento, seja para bem ou para mal. Compreender a profundidade o contexto cultural permite, no caso no olhar brasiliense, conhecer as escalas de cada aspecto das dimensões culturais.

O trabalho presente não pretende comparar explicitamente os dois tipos de dimensões culturais em contraste, brasileira e estrangeira. Dado o público ser principalmente brasiliense, não cabe explicar as dimensões culturais brasilienses. O documentário tem como propósito criar uma reflexão nas dimensões culturais que estão assistindo no documentário, em comparação com seus próprios. É entender o que a outra pessoa considera como correto, como orientação de vida, como liberdade e limite. Como resultado, se poderia criar um juízo crítico nos brasilienses em respeito aos estrangeiros, ou na limitação do projeto, aos estudantes estrangeiros.

Eu, como estudante equatoriano na Universidade de Brasília senti a necessidade de realizar este trabalho com o objetivo de dar voz à comunidade de estudantes internacionais. Eu não vi isto como apenas uma oportunidade para falar e expor as diferenças culturais dos estrangeiros em solo brasiliense, mas como uma homenagem da comunidade internacional presente na universidade, com o incentivo de fornecer um pensamento crítico sobre as intenções e percepções de nós em Brasília.

Como todo tipo de imigrante, os estudantes estrangeiros passam por dificuldades, problemas e inclusive facilidades (Teixeira, M. Andrade, A. 2009). Esse trabalho também busca, na sua essência qualitativa, conhecer ditas dificuldades e apresentar elas como consequência de choques culturais ou até xenofobia.

Para poder assistir o documentário, pode acessar o link previsto no Anexo 1. Está acessível em espanhol e com legendas para português.

1.1 Estudantes Internacionais Na Unb

Os estudantes estrangeiros na UnB têm diversas origens. Procurou-se estudar apenas estudantes de duas categorias, porém, é importante conhecer as diferentes maneiras que estudantes estrangeiros chegam à UnB. Com o fim de estudar estudantes que tenham uma perspectiva mais nova, e por tanto contrastante, se estudaram apenas estudantes da graduação, e não da pós-graduação ou doutorado. Existem os estudantes regulares, que entram na universidade do mesmo jeito que estudantes brasileiros, seja por ENEM ou PAS. Existem também os estudantes com matrícula cortesia, que são estudantes que têm relação com familiares diplomatas em Brasília ou que são refugiados dos seus países de origem. Estas duas categorias embarcam estudantes que têm uma realidade profundamente diferente do que os estudantes das outras categorias. Os estudantes regulares possuem um contexto cultural muito similar a outros estudantes brasilienses, e até mais sensibilizados ao estilo de vida em Brasília do que estudantes de outros estados. Os estudantes de matrícula cortesia podem possuir certas limitações na hora de ser entrevistados pela sua relação com diplomacia ou com sua situação política. Para não ser influenciados por estudantes com esse contexto brasiliense e para proteger aos estudantes de matrícula cortesia, não foram considerados para esta pesquisa.

Uma grande maioria dos estudantes que chegam cada semestre são os estudantes de intercâmbio, e entram na UnB para um ou dois semestres com o fim de realizar o intercâmbio. Eles possuem diversas formas de entrarem, seja por meio de editais, convênios das universidades dos seus países com a UnB ou por editais externos à UnB. O semestre de 2023/2 contou com 65 estudantes estrangeiros de intercâmbio para graduação, o qual representa uma queda com semestres anteriores segundo a INT da UnB. Por último, tem os estudantes do convênio PEC-G, que é “(...) um programa gratuito realizado pelos Ministério da Educação/MEC e Ministérios das Relações Exteriores/MRE com instituições de ensino superior do Brasil.” segundo a INT da UnB. No semestre 2023/2 se conta com 60 estudantes

neste convênio na UnB, com representantes de 20 países diferentes e em 26 cursos diferentes. Estas últimas duas categorias, por terem sua cultura nata mais presente, foram as categorias consideradas para a pesquisa. Estes dois grupos de estudantes da Universidade de Brasília abarcam representantes de todos continentes exceto Oceania, tendo uma maior concentração de estudantes da América Latina e África.

2- JUSTIFICATIVA

Eu sou um estudante universitário estrangeiro e estou terminando de passar pela experiência de ser estrangeiro na Universidade de Brasília. Tenho a intenção de explicar que, assim como minha curta experiência em Brasília e na UnB, existem diversos casos tão similares e diversos ao mesmo tempo de outros estudantes universitários estrangeiros. Cada estudante estrangeiro, ainda sendo da mesma região, possui um grupo de dimensões culturais diferentes, que dão sentido à maioria das decisões que eles tomam. Eu considero que é importante conhecer esse contexto único de cada indivíduo, com a intenção de ressaltar a importância das diferenças entre estudantes. Além, o produto em si tem uma escolha artística que está vinculada com múltiplas culturas. Colocando-me como na cabeça de equipe como estrangeiro, dei liberdade a estudantes brasileiros para colocarem seu próprio olhar no produto. Por esta razão o documentário se chama “Con Paladar Brasileiro”, para dar ênfase ao fato de ser um produto principalmente estrangeiro pelo fato de estar escrito em espanhol, com referência brasileira por causa dos integrantes que colocaram sua perspectiva no produto.

Ee Lin Lee explica a detalhe como a experiência de ser estrangeiro pode intervir grandemente no desenvolvimento social e cultural de estudantes japoneses nos Estados Unidos. Uma grande barreira, que paralelamente afeta a um grande percentual de estudantes estrangeiros na Universidade de Brasília, é o idioma. Apesar de conhecerem o suficiente, mas não em todos os casos, para cursar a graduação, o idioma vai além. Lee menciona que conhecer o idioma coloquial não é algo que se pode ensinar a profundidade em aulas teóricas, e sim algo que se aprende na imersão cultural. Como o português não é o idioma materno de muitos dos estudantes estrangeiros, o aspecto coloquial cria uma barreira social que marginaliza o estudante ao fundo da sala de aula, e passa de ser um estudante a um simples espectador.

Similarmente, existem casos registrados da UnB de racismo/xenofobia e segregação com alguns dos estudantes estrangeiros. Neste ponto, a pesquisa para de ser meramente participativa para os estudantes locais, e evolui a um tema educacional de um problema cultural

que afeta a universidade. Junto com o objetivo de conscientizar sobre as dificuldades, espera-se que os espectadores tenham juízo crítico e possam tomar ação contra atos injustos e que violem direitos dos cidadãos. Lamentavelmente, por causa de limitações da produção do documentário, este aspecto não pôde ser exibido e estudado a profundidade. Existem entrevistas realizadas com valor muito importante na área de racismo e xenofobia que precisam ser exibidas no futuro.

3 PROBLEMA

Baseado no conceito de dimensões culturais de Trompenaars e Hampden-Turner, sabe-se que existem dimensões culturais diferentes nos estudantes estrangeiros do que nos estudantes brasileiros. A questão a responder na pesquisa é: quais as dimensões culturais de estudantes universitários estrangeiros que como elas diferem das brasileiras?

Na elaboração do documentário se colocou um foco maior nas seguintes questões, dirigidas aos estudantes estrangeiros, que estão derivadas dos conceitos de dimensões culturais:

- Achar que a UnB trata a todos os estudantes do mesmo jeito? Já sentiram algum favoritismo ou desvantagem por serem estrangeiros? E como estrangeiros, acreditam que o Brasil trata vocês melhor ou pior do que os brasileiros?
- No romance, flerte ou relacionamentos, os brasileiros são muito diferentes do que em seus países? Sentem-se mais ou menos livres, seja para procurar alguém ou expressar sentimentos?
- Como os brasileiros tratam aos estrangeiros? Achar que a forma como o Brasil trata aos estrangeiros é a mesma que seus países tratariam estrangeiros ou brasileiros?

4 OBJETIVOS

Considerando que estudantes estrangeiros passam muitas vezes despercebidos ou até marginalizados (Lee, E. 2019), o presente projeto visa desenvolver um documentário participativo, qualitativo sobre alguns estudantes estrangeiros da Universidade de Brasília, de diferentes nacionalidades. Este projeto tem o fim de visualizar e entender as diferenças das dimensões culturais que eles possuem. Foca-se em relatos de vida e experiências pessoais diferentes ou inexistentes para o olhar brasileiro.

O estudo não pretende ser superficial, e sim aprofundar-se qualitativamente em certos elementos culturais. Desta maneira, para não ser uma ferramenta apenas comunicativa, ela será elaborada com o fim de compreender, testemunhar e identificar-se com aspectos essenciais dos estudantes estrangeiros. Devido à limitação das dimensões culturais, o maior problema é chegar a ver além das dimensões culturais e visualizar as dimensões estrangeiras com clareza.

4.1 Objetivo Geral

O principal objetivo é investigar as dimensões culturais entre estrangeiros e brasileiros no contexto universitário a partir da realização de um documentário participativo. Isto inclui dificuldades ou facilidades em, segundo Trompenaars e Hampden-Turner (1997): Universalismo-Particularismo, Individualismo-Coletivismo, Específico-Difuso, Neutro-Afetivo, Realização-Atribuição, Perspectiva de tempo, e Relacionamento com o ambiente. Baseado nas três perguntas que serviram de eixo na elaboração do documentário, as dimensões culturais mais estudadas foram:

- Universalismo-Particularismo: O grau de importância da aplicação de normas e regras entre os membros da sociedade.
- Neutro-Afetivo: O quanto há de liberdade para a exposição pública de emoções.
- Realização-Atribuição: Como é julgado o *status* social para os indivíduos.

4.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar por meio de entrevistas para descobrir se os estudantes estrangeiros têm atividades vantajosas ou desvantajosas no Brasil.
- Comunicar à comunidade brasileira os contrastes das dimensões culturais encontrados na pesquisa.
-

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Documentário

Ao longo da história, a representação da realidade foi surgindo e se manifestando de maneiras diferentes. Esses meios de representação contribuíram para o desenvolvimento da ideia fundamental de documentar e registrar a realidade. Segundo Lins (2008), pesquisadora na

área de comunicação, as imagens muitas vezes consideradas reais transcendem os confinamentos de documentário demonstrando uma atração pelo autêntico em diversas formas de expressão artística e mediática.

O método mais usado é o documentário. Nichols (2005) define os diferentes tipos de documentário, com diversas técnicas as serem usadas mais apropriadamente segundo a demanda de cada projeto. O documentário participativo permite que o pesquisador entre no campo, se habitue e participe nas vidas dos indivíduos que participarão do documentário. Esses documentaristas requerem estar presentes e da sua participação, seja na pesquisa ou na gravação do documentário. Nichols explica que o documentarista não precisa estar na tela como parte da gravação, mas que deveria colocar ao espectador como se estivesse dentro da pesquisa, das vivências e experiências das pessoas entrevistadas. As entrevistas expõem clareza na natureza dos entrevistados, e o espectador espera testemunhar o mundo da mesma maneira que eles o percebem.

No caso, o documentário procuraria exibir as vidas, cotidianidade e cultura das vidas das pessoas que pertencem à pesquisa. O documentário participativo tem como natureza que o espectador entre e seja parte das vidas dessas pessoas, com a intenção de ver qual é a reação de um indivíduo diferente quando for entrar nesse ecossistema.

O pesquisador vai para o campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se, corporal ou visceralmente, à forma de viver em um determinado contexto e, então, reflete sobre essa experiência, usando os métodos e instrumentos da antropologia ou da sociologia. "Estar presente" exige participação; "estar presente" permite observação. Isso quer dizer que o pesquisador de campo não se permite "virar um nativo", em circunstâncias normais; ele mantém um distanciamento que o escreve. (Nichols, 2005 p. 153)

O tema central desse documentário exige que alguém esteja nesse meio, ou que pelo menos se perceba que tem um olhar de fora dentro dessas comunidades. Pode ser o caso de que exista a necessidade de se misturar um pouco com o documentário expositivo caso haja a necessidade de explicar algum conceito ou contexto.

Para realizar um documentário mais apropriado, se estudou o método para realizar documentário do renomeado Patricio Guzmán. No seu livro: *Filmar O Que Não Se Vê: Um modo de fazer documentários* (2017), ele descreve uma série de técnicas e estratégias para dar a um documentário vida e identidade. Ele começa descrevendo seis conceitos que todo documento precisa ter para não se virar um documentário tedioso. Aqueles documentários sem vida ele chama de "trem", por terem uma estrutura tradicional, sem originalidade. Para evitar isto, é recomendável considerar cada uma das partes que fazem parte do documentário, os

“átomos”. Cada elemento do documentário é um átomo, desde um gesto que um personagem faz até um silêncio que traz reflexão no espectador. Porém, é complicado definir o que é ou não é um átomo, ou quais das características que apresenta são ou não cruciais para cada documentário, porque efetivamente cada documentário tem sua própria linguagem. Por isto, ele conclui que existe uma subjetividade. Não existe correto universal nem errado universal. Todo documentarista implementa o conteúdo que ele considera melhor para seu projeto.

Dos seis elementos que devem ser parte de todo documentário (p.29), ele começa com a ideia. Todo documentário precisa ter uma história que contar, um objetivo bem definido, não apenas algo que se gostaria de explorar. Segue um elemento muito crucial, que é o dispositivo. O dispositivo é uma ferramenta usada pelo documentarista que procura interlaçar as ideias presentes ao longo do seu filme. Pode ser um tema comum que seja tratado por todos os personagens do documentário, um método diferente de apresentar o tema, ou um acontecimento que aconteceu ou irá acontecer. Guzmán menciona que não está errado em realizar um projeto que não possua um dispositivo explícito, porém, sua falta pode estar causando que ele se encaixe no documentário tipo “trem”. O terceiro elemento é a sinopse, que basicamente mostra os elementos principais do projeto e que torna possível a execução do projeto. É a espinha dorsal que dá forma ao documentário.

Os seguintes dois elementos estão relacionados: a pesquisa e localização. Como documentarista, se procura chegar perto dos personagens ou situações estudadas. Similar ao conceito de documentário participativo de Nichols, é importante chegar a conhecer os personagens, e não apenas superficialmente. Guzmán diz: “quanto mais profunda for sua pesquisa, maiores serão as possibilidades para improvisar e desfrutar de maior liberdade de movimento. Aqui coloca uma ênfase na diferença de documentário e reportagem. As duas técnicas audiovisuais possuem a obrigação de conhecer em certo grau os elementos a serem representados, porém, a reportagem tem a obrigação de apresentar a realidade com a maior precisão possível. Já o documentário tem a capacidade de apresentar um ponto de vista, um viés de algum personagem, seja apenas com a filmagem ou com a montagem. Aqui, na hora de filmagem ele enfatiza que é importante se sensibilizar a todas as coisas que acontecem, aos “átomos”. Pode ser que uma escolha de um plano em certa localização seja opacada por um barulho iminente ou por um personagem que atrapalha; é importante escolher o local com cautela, e registrar os elementos que irão interferir com a filmagem. Por último, Guzmán fala sobre o roteiro imaginário:

“É uma espécie de história “ideal” que, às vezes, substitui a realidade por uma realidade imaginada, em que aparece o que queremos, o que ansiamos encontrar. No meu caso, às vezes, concebi personagens e sequências completamente inventadas a partir da pesquisa e da viagem.”

Este roteiro imaginário não elimina a possibilidade de improvisar na hora de filmar, é apenas uma guia, preferentemente escrita, para poder filmar com coesão que tem um olhar preparado para montar.

5.2 Dimensões Culturais

Compreender desde um ponto de vista teórico como se comparam diferentes culturas não deveria basear-se em apenas opiniões e vieses. Vários teóricos a partir do século XX desenvolveram modelos de dimensões culturais capazes de mesurar percepções qualitativas culturais de diferentes nacionalidades (DIAZ et al., 2017). Hall (1959) criou o primeiro modelo de dimensões culturais colocando o contexto, espaço, tempo e velocidade de fluxo de informação, em escalas de baixo e alto para descobrir como diferentes etnias se comunicavam da sua própria maneira. Mais tarde, Kluckhohn e Strodtbeck (1961) criaram seu próprio modelo com base no anterior, com as dimensões culturais de relacionamento com a natureza, relacionamento com pessoas, atividades humanas, relacionamento com o tempo e natureza humana, classificando cada um em três categorias diferentes. Isto explica com mais detalhes a complexidade humana, e abre espaço para diferentes dimensões culturais a serem estudadas.

Por fim, Trompenaars e Hampden-Turner (1997) criaram seu próprio modelo, que se considera o mais apto para estudo do presente trabalho. Dito modelo considera as seguintes dimensões culturais:

Universalismo-Particularismo: O grau de importância da aplicação de normas e regras entre os membros da sociedade, Individualismo-Coletivismo: O quanto da identidade pessoal depende do grupo humano a que a pessoa pertence, Específico-Difuso: A separação entre os diversos papéis desempenhados pelos indivíduos, Neutro-Afetivo: O Quanto de liberdade para exposição pública de emoções, Realização-Atribuição: Como é julgado o status social para os indivíduos, Perspectiva de tempo: O grau de orientação da sociedade para o passado, presente e futuro, e Relacionamento com o ambiente: O quanto os indivíduos acreditam que podem controlar ou serem controlados pelo ambiente (DIAZ et al., 2017)

As escalas para mesurar cada dimensão se encontram no “Quadro 5 Modelo de Dimensões Culturais de Trompenaars e Hampden-Turner (1997)” – Anexo 2. O modelo se adequa mais a este projeto por ter qualidades mais referentes ao aspecto universitário cotidiano. Combinando com o tema de culturalidade, acredita-se que a maioria das dimensões culturais

descritas sejam de interesse para o documentário. Devido às diferenças com outros países, certos aspectos como o neutro-afetivo, podem apresentar resultados diferentes nos estudantes estrangeiros. É de grande interesse identificar os estudantes dentro das escalas descritas, seja direta ou indiretamente ao longo da produção do documentário.

Um tema que pode aparecer durante a pesquisa, e ultimamente no produto final, é a xenofobia. A xenofobia pode ser percebida a início desde o etnocentrismo:

El etnocentrismo es una actitud que considera el mundo y a los otros desde el prisma de la propia etnia y cultura. [...] Es, por lo tanto, un proceso básico para cimentar la solidaridad identitaria del colectivo y a la vez establecer diferencias y desigualdades respecto al otro: el extranjero, el inmigrante. (GINER, 1998, p. 277).

Considerar à xenofobia como um mecanismo de baixa falta de informação e contexto. O objetivo do presente projeto não é combater nem muito menos fomentar a xenofobia, porém, tem a obrigação de participar e expor os casos xenofóbicos necessários, por ser um aspecto significativo para alguns dos indivíduos.

6 METODOLOGIA

Desde o início sabia que iria realizar um documentário participativo. Tinha claramente estabelecido que eu queria conhecer a um grande número de estudantes internacionais e queria entender seu posicionamento em relação a Trompenaars e Hampden-Turner. Baseado nisso, iria buscar um grupo seletivo de estudantes para efetivamente filmar e realizar o documentário.

6.1 Tema E Delimitação

O documentário inicialmente precisou de ser delimitado pela grande magnitude de estudantes estrangeiros na UnB. Considerando os estudantes regulares, do programa PEC-G, intercâmbio, de matrícula cortesia, pós-graduação e além, resolvi escolher apenas duas categorias: estudantes do programa PEC-G e de intercâmbio. Estes dois grupos têm os estudantes que estão tendo potencialmente suas primeiras experiências no Brasil em comparação com os outros grupos. Portanto, aqui começou o processo para coleção de dados destes estudantes.

Meu objetivo neste ponto foi compilar uma série de experiências, primeiras impressões e opiniões dos estudantes das duas categorias sobre a UnB e o Brasil, com o fim de buscar

fatores em comum que eles compartilhassem. Era lógico que não teria a capacidade de conversar com todos eles a profundidade para conhecer sobre sua experiência, especialmente considerando o tempo de permanência dos estudantes de intercâmbio e a limitação do tempo de elaboração do projeto. Procurei criar conexões com os estudantes para poder criar um vínculo mais íntimo, e assim procurar respostas mais reais. Neste ponto estabeleci o cronograma com o qual eu iria trabalhar (Anexo 3).

Criei um formulário (Anexo 4) que foi encaminhado aos estudantes destas categorias por meio dos órgãos responsáveis da UnB (INT e PEC-G), com o fim de ter um primeiro contato. Minha intenção era ter um contato mais pessoal com os estudantes para conversar e escutar as suas experiências, mas sempre tendo como objetivo buscar os pontos de vista relacionado com questões relacionadas ao estudo de Trompenaars e Hampden-Turner. As “entrevistas” foram mais espontâneas, como se fossem conversas com os estudantes, e realizei duas destas conversas com os estudantes sempre que for possível. Assim realizei uma série de perguntas (Anexo 6) que seriam meu eixo durante as conversas; eu iria realizar as conversas naturalmente, e encaixaria as questões relevantes com cada estudante segundo veja necessário. Aqui as perguntas mais pertinentes que chegaram ao corte final do documentário:

- Acha que a UnB trata a todos os estudantes do mesmo jeito? Já sentiram algum favoritismo ou desvantagem por serem estrangeiros? E como estrangeiros, acreditam que o Brasil trata vocês melhor ou pior do que os brasileiros?
- No romance, flerte ou relacionamentos, os brasileiros são muito diferentes do que em seus países? Sentem-se mais ou menos livres, seja para procurar alguém ou expressar sentimentos?
- Como os brasileiros tratam aos estrangeiros? Acha que a forma como o Brasil trata aos estrangeiros é a mesma que seus países tratariam estrangeiros ou brasileiros?

Inicialmente tive a dificuldade de conseguir muitos estudantes para iniciar a pesquisa. Assim resolvi procurar um contato mais orgânico com os estudantes. Entrei em contato com estudantes de intercâmbio e do PEC-G que já conhecia e realizei minhas conversas do jeito descrito anteriormente. Depois pedi referências para eles de outros estudantes das duas categorias. Repeti o mesmo processo com os estudantes que acabei de conhecer nessa ocasião, e assim sucessivamente. Este efeito de bola de neve permitiu que eu pudesse conhecer uma grande mostra dos estudantes das duas categorias. Como resultado, conheci a um total de 36

estudantes de diferentes nacionalidades e suas experiências na UnB no semestre de 2023/2 (Anexos 5). Isto representou um 26,7% do total de estudantes possíveis das duas categorias.

As respostas dos estudantes foram variadas em diferentes aspectos. Não existiu nenhuma coisa em que todos eles concordassem, e realmente confirma a amplitude e diversidade descrita por Diaz (2017). Porém, existiam certas tendências ou respostas mais comuns nas questões estabelecidas. Por exemplo, os estudantes de intercâmbio falam em sua maioria que fazer amizade com brasileiros é muito fácil ou flui tranquilamente. Os estudantes do PEC-G falam que ao longo do tempo, é difícil criar amizades reais, e que a maioria das amizades chegam a ser superficiais. Isso possivelmente possa dar uma luz a o que acontece realmente ao longo do tempo e não é apenas uma primeira impressão.

Os estudantes do PEC-G que em sua maioria estavam mais de um semestre na UnB tinham respostas mais profundas e realistas sobre o Brasil. Teve o caso de dois estudantes que realizaram dois semestres de intercâmbio, e tiveram respostas mais semelhantes com as dos estudantes do PEC-G. Vendo que é impossível realizar o trabalho sem um viés, inicialmente decidi contar estas perspectivas: uma história de um intercambista que contrastasse à realidade que vivem os estudantes regulares, uma história de um estudante do PEC-G que tivesse respostas mais positivas, e outra história de um estudante do PEC-G com respostas mais realistas/negativas da sua experiência.

Devido que foram várias conversas com os estudantes que tinha selecionado para cada parte, cheguei a aprofundar a conexão com um grupo de estudantes em particular. Era um grupo de estudantes da América Central do PEC-G que se conheceram no Brasil, e criaram um círculo social entre eles desde o início do seu curso. Eles fazem cursos similares nas exatas e a maioria são do campus UnB Gama, e são de Guatemala e Honduras. Achei particularmente interessante o jeito deles conviverem, os laços que eles criaram entre si e as histórias que eles tinham para contar eram muito ricas. Apesar de ter mais dois estudantes que tinham experiências similarmente valiosas para aportar, decidi que seria melhor me focar nestes estudantes e deixar os outros dois estudantes como colegas valiosos para explorar a mais as dimensões culturais e seu contexto.

Porém, não esqueci das outras duas categorias que tinha estabelecido anteriormente. Tinha uma estudante chinesa intercambista que tinha um olhar muito positivo da sua experiência. Seu entusiasmo achei muito cativante e pensei que seria ótimo para contar como algo positivo. Também, conheci a outro estudante do Benin que teve um olhar completamente

oposto, cheio de experiências negativas na faculdade e no seu dia-a-dia no país. Este último achei extremamente importante considerar, pelo fato de ser um choque de realidade muito forte para outros brasileiros que resolvem não olhar nessa direção. Foi muito difícil ter que dispensar estas duas histórias valiosas, mas a elaboração do documentário em si teve que se limitar à apenas o grupo de estudantes descritos anteriormente.

Em relação ao tema do documentário, surgiu naturalmente no processo de conhecer os estudantes. De todas as conversas que tive com os estudantes, tinha um tema que surgiu sempre e não fez parte das questões previstas: a comida. Uma resposta generalizada dos estudantes seria que a primeira instância, quase todos os estudantes curtem a comida brasileira, mas ao longo prazo sentem muita saudade da comida dos seus países natais. Foi com esse tema em combinação do conceito de dispositivo, ensinado por Guzmán, que escolhi o tema de culinária para ser o meio que dirigisse o documentário. O dispositivo em si é permitir que eles cozinhem uma comida que eles sentissem falta no Brasil, e usar isso como o eixo central para conduzir as entrevistas.

6.2 Pré-Produção

Tendo claro quais seriam os estudantes para o documentário, estabeleci a minha equipe de trabalho para a realização do documentário. Escolhi a Alícia Pilar, Pedro Saliba, Víctor Cunha, André Oliveira para a realização, e Júlia Cassiano e Lucas Arnaud para a pós-produção. Eles foram escolhidos por seu destaque em outros projetos da faculdade e por afinidade. Como na escolha dos estudantes internacionais que iriam ser filmados todos eram homens, eu procurei especificamente mulheres para as cabeças das funções mais influentes na elaboração do produto. Teria sido ideal ter um grupo mais equilibrado de homens e mulheres, tanto na equipe como nos estudantes internacionais, mas simplesmente foi uma coincidência, e essa última escolha foi a minha tentativa para procurar equilibrar o desbalanço.

Mais tarde, em conjunto com os estudantes estrangeiros selecionados, realizamos uma escolha de local, e data para a filmagem, assim como a comida a ser cozinhada e uma preparação sobre os temas que iríamos a conversar sobre. Eles escolheram cozinhar tacos, por ser uma comida que é comum nos seus países apesar de não ser típica dos seus países especificamente.

Uma escolha artística do documentário seria realiza-lo com um olhar íntimo brasileiro. Como já tinha os estudantes estrangeiros, comida e perguntas referentes à opinião deles no

Brasil, resolvi dar à minha equipe, que é brasileira, a liberdade de filmarem com seu próprio olhar. Eu os motivei a gravarem planos que acharem interessantes, a escutarem os diálogos deles que tivessem algum destaque, e que interagissem com eles conforme vejam necessário. Tudo isto pelo simples fato que o documentário estaria dirigido a um público principalmente brasileiro. Associei a ideia de fazer tudo com um olhar brasileiro seria mais fácil de entender ou assimilar do que com um olhar estrangeiro.

Como foi mencionado antes, todas as minhas escolhas na elaboração do projeto foram a minha tentativa de fazer tudo com um olhar internacional mais neutro, e não com meu olhar equatoriano apenas. Sei que não faria do projeto um projeto pessoal, e sim um trabalho colaborativo. Espero que a ajuda de todas as pessoas envolvidas tenha causado que se oriente numa direção mais neutra, com o fim de não exibir apenas a minha percepção equatoriana.

6.3 Produção

Uma vez que tudo esteve estabelecido, eu e a minha equipe fomos realizar a gravação em casa de dois dos estudantes. A maior parte do documentário foi realizada em uma tarde e que acabou estendendo-se até a noite. Durante a pós-produção, se percebeu que precisavam de planos adicionais de cobertura, e fui outro dia ao campus da UnB Gama para gravar os planos complementários. Adicionalmente se gravou conteúdo no atacado onde realizamos as compras para comer, a pesar de não ter ficado ótimo para o corte final.

Durante a gravação, tivemos a dificuldade de precisar gravar certas conversas muito rapidamente, o qual foi uma dificuldade. Porém, os colegas estrangeiros ajudaram em tudo, o qual ajudou a agilizar na hora de filmar. Realizaram-se todas as perguntas que tinha estabelecido durante as conversas. Os quatro estudantes tiveram uma ampla participação respondendo às perguntas, e adicionando com suas experiências vividas no Brasil. Contudo, foi uma gravação satisfatória.

6.4 Pós-Produção

O cronograma da pós-produção fluiu bastante bem, com a única exceção que precisamos gravar planos de cobertura adicionais para a montagem. Foi um grande desafio chegar ao corte final. Era a primeira vez de alguns de nós realizando um documentário, e na hora da realização a nossa execução foi muitas vezes improvisada. O conteúdo que gravamos não tinha como ser gravado novamente, e foi por isto que na hora da montagem precisamos de estratégias diferentes para resgatar alguns diálogos e

planos. Muitas das falas que achamos importantes não chegaram ao corte final. Júlia Cassiano foi uma grande ajuda durante esta etapa pela sua experiência e paciência entre cortes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo todo, desde a delimitação até a pós-produção serviram de grande aprendizado para mim e para minha equipe. Considero que muitos dos meus erros e também das orientações e dicas de outros colegas foram muito valiosos e me ajudaram a crescer.

Em relação à realização do documentário, considero que tem muitas lições que aprendemos. Primeiramente, não possuíamos equipamento profissional, e tivemos que improvisar vários planos e jeitos de filmar. Espero que com um orçamento real no mundo profissional aquela barreira não pese tanto. Também, acho que todos desenvolvemos um olhar mais sensível para documentário. Tem momentos que acontecem por um momento efêmero, e a equipe inteira precisa estar atenta para poder captar esses momentos importantes. Em relação a gravar algo de ficção onde tem como gravar novamente um plano ou realizar alterações para outro take, no documentário você aprende a procurar não perder nada, porque tudo pode ser muito valioso na montagem.

Cada uma das conversas que tive com os estudantes internacionais achei extremamente valiosas. É muito interessante conhecer sobre olhares diferentes e como uma mesma situação pode ser uma experiência completamente diferente para outra pessoa. Depois de ter conhecido a tantos estudantes cresceu uma empatia ainda maior com os outros estudantes estrangeiros. Considero que esse intercâmbio cultural nos ajuda a crescer muito e a abrir nossas mentes para perspectivas que não tínhamos considerado previamente. Teve um colega com o qual tive muitas conversas do Benin. Acho que a história que ele tem para contar é uma das mais valiosas, e fico triste pelo fato dela não encaixar diretamente no projeto. Ela, em conjunto com várias outras, são histórias e experiências que ainda considero que devem ser projetadas para outras pessoas escutarem. Por isto, gostaria de considerar uma extensão ao projeto para dar voz para elas, seja por meio de um web-documentário ou podcast. Como foi mencionado antes, tenho considerado especificamente os dois estudantes que não consegui inserir no documentário por limitações de produção. Gostaria de considerar eles primeiramente para a continuação do projeto. Não esqueci delas, e o tema do racismo/xenofobia ainda acho pertinentes e urgentes para serem falados.

Sempre considerei que o intercâmbio cultural é um aspecto muito valioso da humanidade, e é por aquilo que decidi fazer este projeto. Conhecer histórias e pessoas é semelhante a conhecer realidades diferentes, que permitem a você se sensibilizar com outras culturas. Este documentário tem um tom superficial e lúdico a momentos, mas se eu pudesse escolher a parte mais importante para outros assistirem, seria de escutar os pontos de vista e valores que podem ser diferentes ou controversos. As pessoas, ou estudantes no caso, não agem aleatoriamente. Cada uma das suas respostas e atos é explicado por um contexto cultural, que na maioria das vezes é diferente do que o seu. Eu gosto muito do Brasil por ter uma mistura de culturas, apesar de ser um país só. É tão grande que poucas pessoas conhecem todos os estados e culturas. Mas mesmo assim, as pessoas aprenderam a entender o contexto cultural de pessoas de outros estados. Do mesmo jeito, gostaria que todos aprendessem a se sensibilizar com culturas estrangeiras.

8 REFERÊNCIAS

- DIAZ, G., et al. 2017. A cultura brasileira no olhar do estrangeiro: percepções de alunos de um MBA internacional no Rio de Janeiro. Revista Alcance, vol. 24, núm. 4, pp. 554-573, 2017.
- Ferreira, R., 2020. Estudantes estrangeiros no Brasil: informação e processos de produção de diferença.
- GINER, S. et al. 1998. Diccionario de Sociología. Madrid: Alianza.
- GUZMÁN, P. Filmar O Que Não Se Vê: Um modo de fazer documentários. 1 Edição. São Paulo: SESC 2017.
- HALL, Edward T. 1959. The Silent Language. New York: Doubleday and Co.
- KLUCKHOHN, Florence; STRODTBECK, Fred L. 1961. Variations in Value Orientations. Evanston, IL: Row, Peterson.
- Lee, E. 2019. The Segregation of Foreigners in U.S. Mainstream Classrooms.
- LINS, Consuelo. “Documentário: ficção diferente das outras?” De: Magazine, Caderno Cultural do jornal O Tempo, Belo Horizonte: 1997.
- NICHOLS, Bill. 2005. Introdução ao documentário. São Paulo: Papirus.
- Relatório de Gestão 2022. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, Brasil. 2022.
- Teixeira, M. Andrade, A. 2009. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100006
- TROMPENAARS, Fons; HAMPDEN-TURNER. 1997. Charles. Riding the waves of culture, 2nd Edition. London: Nicholas Brealey Publishing.

9 ANEXOS

Anexo 1: Link com acesso ao documentário:
https://drive.google.com/drive/folders/17Tw8CbBByCamI_etGx9CWI9GuMfxL8g?usp=drive_link

Anexo 2: Quadro 5 Modelo de Dimensões Culturais de Trompenaars e Hampden-Turner (1997)

Quadro 5
Modelo de Dimensões Culturais de Trompenaars e Hampden-Turner (1997)

Dimensões culturais	Extremos da escala	
Universalismo-Particularismo: O grau de importância da aplicação de normas e regras entre os membros da sociedade.	Universalismo: As normas são padronizadas e aplicadas igualmente a todos os membros da sociedade	Particularismo: A situação e a pessoa envolvida modificam a forma de aplicação das normas.
Individualismo-Coletivismo: O quanto da identidade pessoal depende do grupo humano a que a pessoa pertence	Individualismo: Foco na independência e na ascensão individual	Coletivismo: Foco na ascensão e no bem-estar do grupo em detrimento do indivíduo
Específico-Difuso: A separação entre os diversos papéis desempenhados pelos indivíduos.	Específico: Há uma clara divisão entre os papéis desempenhados pelas pessoas.	Difuso: Há uma clara integração entre os papéis desempenhados pelas pessoas.
Neutro-Afetivo: O quanto há de liberdade para a exposição pública de emoções.	Neutro: As pessoas escondem suas emoções, evitando expô-las em público.	Afetivo: As exposições públicas de emoções são aceitas e até mesmo encorajadas.
Realização-Atribuição: Como é julgado o <i>status</i> social para os indivíduos.	Realização: O <i>status</i> social depende do histórico de conquistas de cada um.	Atribuição: O <i>status</i> social depende de berço, conexões e formação acadêmica.
Perspectiva de tempo: O grau de orientação da sociedade para o passado, presente ou futuro.	Orientado ao passado/presente: Ênfase em eventos passados e nos acontecimentos do momento.	Orientado ao futuro: Ênfase no planejamento e em possibilidades futuras.
Relacionamento com o ambiente: o quanto os indivíduos acreditam que podem controlar ou serem controlados pelo ambiente.	Direcionamento interno: Acredita-se em poder modificar e controlar o ambiente.	Direcionamento externo: Acredita-se em uma vida em harmonia com o ambiente.

Anexo 3: Cronograma para realização do documentário.

Anexo 4: Questionário para primeiro contato com estudantes. Será encaminhado em inglês e espanhol adicionalmente para ser mais acessível.

Introdução: “Olá! Sou Leo Moncayo, um estudante estrangeiro e estou realizando meu projeto de TCC neste semestre. Meu projeto de TCC tem como tema central as dimensões culturais dos estudantes estrangeiros (como eu) no entorno universitário. Se você tiver interesse em participar, peço por gentileza que preencha esse formulário que não deve demorar mais de 5 minutos. Agradeço muito!”

Perguntas do questionário:

- Nome
- Nacionalidade
- Idiomas que conhece ou usa para se comunicar
- Curso
- Número de telefone com WhatsApp (ou e-mail, opcional)

Anexo 5: Lista dos 36 estudantes entrevistados, por curso e país de origem:

Cursos	Países de Origem
Administração	Angola
Arquitetura e Urbanismo	Benim
Ciência da Computação	Coreia do Sul
Ciências Contábeis	Costa do Marfim
Ciência Política	Gana
Ciências Econômicas	Guatemala
Direito	Equador
Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	Honduras
Engenharia Aeroespacial	Jamaica
Engenharia Ambiental	Paraguai
Engenharia de Computação	Peru
Engenharia de Software	R. D. Congo
Engenharia Eletrônica	Senegal
Engenharia Mecânica	Uruguai
Engenharia Mecatrônica	França
Letras - Português	China
Línguas Estrangeiras Aplicadas	Japão
Relações Internacionais	Itália
	Colômbia

Anexo 6: A lista de perguntas, baseadas nas dimensões culturais de Trompenaars e Hampden-Turner, que serviram como eixo para a realização das conversas (ou entrevistas) com os estudantes estrangeiros foram:

- Acreditam que o status social é um fator importante no Brasil? Seja como estudantes ou como cidadãos em Brasília.
- Acham que a UnB trata a todos os estudantes do mesmo jeito? Já sentiram algum favoritismo ou desvantagem por serem estrangeiros? E como estrangeiros, acreditam que o Brasil trata vocês melhor ou pior do que os brasileiros?
- Há muita burocracia ou processos legais para viver tranquilamente? Seguem os procedimentos ou às vezes trapaceiam?
- Acham que a universidade no Gama é muito diferente da de Darcy Ribeiro?
- No romance, flerte ou relacionamentos, os brasileiros são muito diferentes do que em seus países? Sentem-se mais ou menos livres, seja para procurar alguém ou expressar sentimentos?
- Acreditam que a escolha pela UnB e suas carreiras vai influenciar o futuro de vocês? Planejam ficar, mudar-se, procurar emprego, fazer mestrado? (questão dirigida aos estudantes do PEC-G)
- Como os brasileiros tratam aos estrangeiros? Acham que a forma como o Brasil trata aos estrangeiros é a mesma que seus países tratariam estrangeiros ou brasileiros?
- Historicamente, acham que o passado moldou o Brasil e seus cidadãos a terem pensamentos e cultura diferentes dos seus? Como acham que é a relação do Brasil com os países latino-americanos, e vice-versa? (questão dirigida aos estudantes da América Latina)